

PROJETO NURC

INQUÉRITO BR/RE Nº 128

BOBINA BR/RE. Nº37

PISTA 2 (551 - 1530)

TIPO DE INQUÉRITO: DID

DURAÇÃO: 1 hora

ÁREA : INSTITUIÇÕES: ENSINO-IGREJA

INFORMANTE : Nº 143

SEXO : M

IDADE : 60 anos

DATA : 17-08-78

DOCUMENTADORES: Cristina Barros

Ednah Nascimento

GRAVADOR : Phillips Nº4416

CONDIÇÕES TÉCNICAS DE REGISTRO : Normais

Atendendo à solicitação de vocês pra esse estudo de pesquisa, entre os temas preconizados para este, esta pesquisa, um desses temas seria, portanto, as instituições de ensino e a Igreja, com as suas variedades, com os seus tipos, com as suas crenças, etc. Não há dúvida nenhuma que falar de instituições ou de ensino, naturalmente, aqui no Brasil, uma das coisas mais interessantes, sobretudo pela discussão que é feita em torno do mesmo assunto. Cada ano que se passa, nós observamos as modificações que se tentam fazer dentro do ensino, mas não somente no ensino secundário e ginasial e quem sabe nesses... nesse nosso ensino universitário, mas também no ensino primário. E essas modificações, se até hoje ainda não chegaram a um... um clímax de satisfação plena para todas as classes naturalmente que muita coisa pode ainda ser feita, e deverá ser feita, sobretudo quando se trata de ensino primário e de ensino secundário ou ginasial, que constitui, sem dúvida alguma, a base para o ensino da uni... na Universidade, o que nós, hoje, constatamos, através dos vestibulares realizados na nossa Universidade é que esses vestibulares traduzem, na realidade, o grau de conhecimento dos nossos alunos. Quer dizer, é um "deficit" de conhecimento que

se aquilata a cada ano que se passa. Não vamos dizer que esse "deficit" ou essa deficiência seja uma causa ou seja origem da pobreza de espírito e raciocínio do próprio aluno. Não. Todas essas coisas, naturalmente, têm a sua razão de ser. A fundamentação desse "deficit", a minha maneira de encarar e de ver, a fun... a, o fundamento é de que esses alunos não encontraram um ensino capacitado. Não encontraram, naquela escola primária, naquela escola secundária e também g... ginásial, aquele que deveria ser, realmente, o básico ou a base de conhecimento para que ele pudesse, então, ingressar numa universidade mediante, naturalmente, o ensino... um concurso que é o vestibular. O que se apregoa por aí é que, na realidade, se experimenta modalidades diferentes de vestibular. Ou tirando uma disciplina, ou colocando outra; de qualquer forma, há tendências pra se melhorar. Tendências. Mas, coisas concretas, até hoje, parece que ainda não apareceu. E o que nós verificamos é o seguinte; é que quando os alunos conseguem ultrapassar essa barreira, essa grande dificuldade, essa grande batalha que chama-se "vestibular", o aluno que venha às nossas escolas, esses alunos vêm desprovidos daquilo que seria o essencial do

conhecimento para que ele pudesse aquilatar melhor, com maior facilidade, o seu raciocínio nessas outras disciplinas que são especializadas. Então, nota-se a dificuldade que eles têm em captar os conceitos, as teorias. Nota-se que eles têm ca... têm uma grande dificuldade, sobretudo se os testes que são dados pra esses alunos, ou pra esses universitários, esses testes são escritos. A dificuldade é muito maior quando o professor exige que essas provas num seja apenas através de um riscadozinho - sim ou não - mas sejam feitas através de uma dissertação. E aí é que os a... o aluno se depara com a sua grande dificuldade, ele num conhecer sua própria língua, o seu próprio idioma. Então, pergunta-se: "mas por que dessa dificuldade? Por que que se essas instituições carentes, naturalmente, desde o ensino primário, desde o ensino secundário, desde o ginásial, por que que essas instituições, até hoje, num procuram, realmente, coadunar todas essas coisas"? Ou, então, procurar uma solução de que, realmente, melhore esse ensinamento. E melhorando esse ensinamento, ou esse ensino, é claro que, fatalmente, nós teríamos, então, alunos mais capacitados para este vestibular. Que, na realidade, num é tão difícil quanto se diz. A dificuldade está, justamente, na falta

dessa base, na falta desses conhecimentos. Então, se eles não trazem consigo base e esses conhecimentos necessários deveriam ser dados, deveriam ser ensinados ainda no primário, no secundário, nesse ginasial, num seria um cursinho de dois meses, de três meses, esses cursinhos que preparam para... o aluno para um vestibular, que pudesse suprir todas essas lacunas, todas essas difi... dificuldades que foram apontadas durante todo esse primário, todo esse secundário, todo esse... esse ginasial, perfazendo um total de anos e que num pode ser recuperados em apenas seis meses. E quando, no final de tudo isso, se preconiza, às vezes, a introdução de línguas de outros idiomas, quando, na realidade devia se pensar de que... deveria valorizar o que é nosso, quer dizer, valorizar o nosso idioma, capacitar o aluno para que ele realmente conhecesse a língua portuguesa, porque ele vai falar esta língua. Ele vai utilizar desse idioma. Ele vai escrever nesse idioma e é esse idioma que ele desconhece. E a comprovação disso está através das provas que são feitas quando há uma exigência de dissertação de assuntos. (En)tão, a minha maneira de ver essas coisas, se bem que eu não faço parte de banca de vestibular, mas, quando eu começo, inicio as minhas

aulas, esse primeiro "tête-a-tête" que eu faço com os alunos, então a gente sente que, realmente, essas coisas que vão ser ministradas aqui, dentro de uma faculdade de nível superior, certas coisas que devem ser ditas numa linguagem, num linguajar acessível, muitas vezes, então, vai acontecer que esses alunos não têm... não estão nem capacitados para um raciocínio seguro e preciso para disciplinas de importância tremenda porque se trata de uma área de saúde, é uma área especializada em saúde e que os alunos vão lidar com pacientes, com gente. São problemas, portanto, que devem merecer da parte de, de quem tem à frente a responsabilidade dessas instituições de pensar nesses problemas. Quem sabe que é nesse ensino... é... primário é quando essas crianças começam a balbuciar as primeiras palavras, que essas palavras devem ser balbuciadas certa(s) certo e não erradamente. É através desse secundário que leva o aluno a um grau um pouco mais de aper... de aperfeiçoamento, é que essas matérias ensinadas devem ser ensinadas com muito carinho e com muito cuidado e devem ser totalmente revisadas. Acredito, portanto, que o ensino, no Brasil - isso em tese, falando de uma maneira geral - esse ensino precisa ser remodelado. Esse ensino precisa

ser revisado. Há uma coisa que eu discordo totalmente é de que se preocupasse, ou melhor, há uma grande preocupação pra essa parte de ensino superior, sem pensar de que, na realidade, todo o ensino primário, todo o ensino secundário e, por não dizer também, esse ginásial, esses deveriam ser gratuitos e obrigatórios. E deixasse esse ensino superior, que é para uma elite privilegiada, deixasse então pra se pensar como ele seria: remunerado, gratuito ou de qualquer forma. Mas a preocupação maior deveria ser nesse sentido de que essas instituições que, naturalmente para sua sobrevivência, deveria ter uma dotação do governo. Que também essas instituições com seus professores pagos, com seus prédios, enfim, com todas essas necessidades que essas instituições devem ter e deveriam ter, como têm, naturalmente, uma assistência, não apenas técnica, mas uma dotação, uma verba especial para sua sobrevivência. Aí, então, a preocupação deveria ser justamente no sentido de dotar essas facu... essas instituições, esses ensinos secun... é... primário, secundário e ginásial, do que fosse capaz, necessário, e dar possibilidade para que todo mundo estudasse, mas estudasse de graça. O ensino deveria ser gratuito nesse sentido e friso: quando chegar ao ensino superior,

então, se o governo tem possibilidade de também... dá-lo gratuitamente, que o faça; mas, se não há possibilidade de se manter esse sem-número de universidades brasileiras, que tem mais de vinte e duas universidades, muito mais do que isso, então que essas universidades, que captam apenas um grupo, que eu chamaria de grupo privilegiado, porque todo mundo tem o direito de estudar, todo aluno que termina o seu científico, ele quer entrar numa universidade, é o desejo de cada um; então, há um imperativo de que se acoberte essa gente que tem esse desejo-salutar, não há dúvida nenhuma - mas que, infelizmente, as universidades não têm a... essa possibilidade de inscrever todos esses alunos que fazem o vestibular. Então, é por isso que eu chamo de uma classe privilegiada. É uma elite, mini pequena demais, que a grande massa, mesmo, esta fica na parte de fora. As universidades não comportam. Então, pergunta-se: "Qual seria um... a maneira, portanto, de acobertar todos esses, ou melhor, de vê-los realizar os seus sonhos, seus desejos, que é realmente imperativo. Todo mundo quer se formar. E o jovem de hoje, com a mentalidade de hoje, ele já se... já sentiu essa necessidade de que, se o indivíduo, se a moça ou rapaz não estuda, se não tem uma oportunidade, dividido... ele vai..."

tem um curso superior, dificilmente ele vai vencer na vida. Porque, dificilmente, ele terá um emprego condigno para sua... aquela situação humana da criatura. Sobretudo quem atravessa os períodos que nós atravessamos hoje, as grandes dificuldades para essa sobrevivência. Quer dizer, além de ser uma luta pelo ensino, uma luta para o aprendizado, uma luta para esses conhecimentos, então vem a segunda luta, a segunda batalha, que é justamente aquela de como é que ele vai viver de acordo com a profissão que ele escolheu. Então, todas essas dificuldades, todas essas batalhas seriam solucionadas, naturalmente, condicionadas à maneira como é feito o ensino, como é dado esse ensino, como se ensina, realmente nas nossas escolas primárias, secundárias... secundárias e no ginásio, etc. E, naturalmente, uma referência especial ao ensino dentro das universidades. O aluno que entra numa universidade, naturalmente que ele vem imbuído de todos os seus ideais, ele atingiu como que um clímax, uma vitória, não há dúvida nenhuma. Então ele vem, como jovem, cheio de idealismo; naturalmente porque venceu aquela primeira corrida, aquela batalha, ele já se julga, então, capacitado para chegar até o fim. Mas Deus sabe como ele vai chegar até lá. Que, depois de ter vencido essa primeira

batalha, ou seja, esse, esse vestibular, vêm outras batalhas. É o poder econômico, é o poder financeiro. Será que ele vai ter capacidade, não apenas de... de assimilar os conceitos, as teorias? Não. Mas será que ele tem capacidade, ou melhor, se ele está numa situação em que possa dar a ele condições de poder atender a todas essas demandas? Será que ele se alimenta perfeitamente? Será que ele se veste perfeitamente bem? Será que ele vai ter condições para comprar livros? Será que ele vai ter condições de transporte? E todas essas coisas reunidas numa só vai dar pra ele uma quebra daquele seu idealismo. E olhe lá: muitas vezes, isso redonda num verdadeiro complexo, complexo de inferioridade. Então, todo aquele seu idealismo, porque venceu a primeira batalha, passou no vestibular e ingressou na faculdade, talvez que num seja mais um encanto mas sim um desencanto, porque ele num vai ter, daí em diante, aquelas condições básicas para que ele possa realizar, não um sonho, mas um objetivo: formar-se algum dia e viver da sua profissão. Por isso que, na minha maneira de encarar essas coisas, eu acho que precisa um reparo, um grande reparo no ensino brasileiro. Não costumo tomar por base o figurino do estrangeiro. Não costumo nem gosto de tomar

por base aquilo que se passam nas grandes capitais européias ou na América do Norte, sobretudo. Porque as possibilidades financeiras, a situação em que vivem aquelas universidades num são as mesmas em que vivem as universidades brasileiras. Quem examina, quem lê, quem vê as estatísticas do quanto o governo determina para o ensino, de uma maneira geral no Brasil, está suficiente para ver de que, realmente, esse ensino ainda num chegou a ter, de direito e de fato, o que ele merece. Então, as verbas destinadas ao ensino, não são aquelas que diriam ser preconizadas por todos aqueles que ocupam um posto, ou seja, Ministro da Educação e Cultura. Eu acredito que todos nós gostaríamos de ver que essas verbas fossem melhor distribuídas para que o nosso povo ainda não tivesse o rótulo de subdesenvolvido. Mas -num vai aqui uma crítica- mas uma maneira de encarar, uma maneira de pensar, uma maneira de que, realmente, como brasileiro e como professor, eu sinto, realmente, essas dificuldades, e sinto essas dificuldades e peso as mesmas dificuldades e o pior de todos é que, como professor, num posso resolver essa situação. Mas posso, naturalmente, dizer qual a minha maneira de pensar, qual a minha maneira de agir e

como eu gostaria que as coisas fossem feitas, sobretudo aqui em Pernambuco. Que pobreza, carência, deficiência, é... instituições para se acabar, para terminar, falta de tudo dentro de uma escola; bom, isso num é privilégio nosso, quer dizer, de Pernambuco; isso num é apanágio da nossa... do nosso ensino, ou da nossa universidade, não; isso a gente encontra em todas as universidades brasileiras, as mais aquinhoadas e as menos aquinhoadas. Todas essas deficiências relativas nós encontramos de uma maneira geral. Então, que é que se deve fazer pra que essas coisas, realmente, desapareçam, para que se tente, pelo menos, minorar... é... minorar tudo isso? É apenas uma questão de ponto de vista. É apenas uma questão de querer dar aquilo que realmente é mais necessário e eu acho que o que é mais necessário dentro de uma república, dum país, dum pátria é o ensino, é a cultura. Você pode pensar que o indivíduo se desenvolve só porque ele se alimenta bem. Mas é preciso que ele, além dessa alimentação boa, sadia, necessária, é preciso também que seja culto, que se dê possibilidade de ele adquirir maiores conhecimentos. Não se vence pela força. Só pela força, não. Vence mais e muito mais pela cultura, pelo conhecimento e pelo saber. O homem se valoriza, não

por aquilo que ele é na realidade, fisicamente, mas por aquilo que ele pensa, por aquilo que ele faz, por aquilo que ele constrói, pela sua sapiência, pela sua inteligência, pelo seu caráter, pela sua formação moral, etc. Bom, então, o mais interessante é que nós pudéssemos aliar essas coisas todas, compreendeu? E se nós pudéssemos aliar todas essas coisas, eu estou bem certo e bem crente de que o nosso ensino só teria que ganhar e vencer. Porque, dizer que o brasileiro não é inteligente? não. Nós somos tão inteligentes como os mais inteligentes dos homens que vivam nesse planeta, nesse globo. O que precisa é apenas condições; dê condições e, o brasileiro, então, aparece. Nós somos tão inteligentes como qualquer um outro, alemão, estrangeiro qualquer que ele seja, é porque, naturalmente, eles tiveram as maiores possibilidades, maiores possibilidades de aproveitamento de conhecimento porque lhe deram os materiais mais sofisticados possíveis. Tem um exemplo: no nosso meio, no nosso ambiente, na nossa universidade, num existe microscópio eletrônico. E como é que nós poderemos ensinar certas disciplinas, sem que não houvesse ins... instrumentais básicos; não digo mais sofisticados, mas modernizadas. O que nós temos são ultrapassados. Então cai por

terra aquilo que nós dissemos, porque nós apenas dizemos, mas não provamos porque nós não temos esse material. Então aí não cai em jogo a nossa responsabilidade, ou melhor, a nossa, o, a nossa inteligência, mas sim a nossa deficiência de instrumento, essa que é a verdade. Bom, eu acho que ensino é uma coisa séria. Ensino...

[O senhor poderia citar os equipamentos que nós temos?]

Bem, eu posso citar os equipamentos que nós temos dentro da nossa escola, da nossa faculdade. É claro que esse... esses equipamentos, esses variam de acordo com a área, num é isso mesmo? De a, de acordo com a, a unidade; enfim, cada um tem os seus equipamentos é, adequados para o ensino daquelas disciplinas. Então, mais particularmente, o nosso, na nossa faculdade. Ora, o que acontece, justamente, é isso que eu acabei de dizer : nós temos disciplinas que são eminentemente práticas, quase todas elas. Mas tem disciplinas em que nós lidamos com material humano, ou melhor, lidamos com o material que é retirado da pessoa, de gente, para pesquisas, biópsias, sobretudo as biópsias. E como é que nós podemos dar certos diagnósticos, sobretudo diagnóstico diferencial, de tipo de lesões, que tem que ser submetidas esses cortes histológicos, se nós não temos esses tipos de microscópios que eu falei, tão

necessários para atualizar esses conhecimentos. Então, o que acontece é o seguinte: é que nós (es)tamos, ainda, por causa disso, em decorrência dessas coisas, com o ensino atrasado, com um ensino retrógrado, um ensino que, na realidade, não é aquele que gostaríamos que fosse, modernizado ou atualizado. Mas são teorias, são conceitos já é... ultrapassados. Mas num foi a nossa inteligência que foi ultrapassada, não, porque nós vemos nos livros, nós temos, então, os jornais, nós temos todos os periódicos atualizados estrangeiros. Mas periódicos, teorias, apenas livros, mas num temos esses instrumentos que pudéssemos, então, mostrar aos nossos alunos o que, na realidade, acontece de novo, de moderno que vem revolucionar toda a ciência médica, e quiçá odontológica que é um ramo da Medicina. Então, é por isso que eu insisto em que o... o homem brasileiro é tão inteligente como qualquer um ser humano nesse planeta, ou desse globo terrestre. O que lhes falta é apenas, condições; o que lhe falta é apenas, para desenvolver a sua inteligência, são essas condições, meios de trabalho, é... instrumentos de trabalho. Aquilo que realmente ele se dedi... pa... para o qual ele se dedicou ou ele tem a sua especialidade. São essas coisas,

portanto, que nós estamos sentindo de perto e que, infelizmente, não há uma possibilidade, pelo menos eu não vejo, no momento, uma possibilidade, de uma possibilidade de sa... é... sanar todas essas deficiências. Tudo isso implica em dinheiro e, como sempre, as verbas são sempre deficitárias. Eu acho que respondi sua pergunta. Mas eu...

[O senhor falou em equipamentos mais ligados à sua área. Mas que material poderia ser empregado - material didático - poderia ser empregado no primeiro grau, no segundo grau, no secundário?]

Bem, o material, aqui, seguinte: nós temos um material apenas didático, ou melhor, de consulta; nesse caso, seriam os livros. Claro, nós temos uma biblioteca mais ou menos aparelhada. Eu digo mais ou menos aparelhada pelo seguinte: porque num é, uma biblioteca especializada, pelo menos no nosso setor. Existem, realmente, livros de Odontologia. Existe até uma grande número de livros de Odontologia. Mas, ainda, esse, é, esse, esse número não satisfaz plenamente dentro de todas as nossas especialidades, eu não quero me referir às outras especialidades das outras unidades. Eu levo o, o fato apenas, eu focalizo o assunto dentro da própria Odontologia. Então, esse material didático, ele... um desse ma... Agora, o outro é

aquele que nós empregamos cotidianamente nas nossas aulas práticas. Ora, o ensino de Odontologia talvez seja o ensino mais caro, mais dispendioso que tem dentro da Universidade, porque todas as aulas práticas são dadas em pacientes e todo o material que é empregado não é recuperado. Então, o gasto é tremendo. Se (yo)cê fizer um estudo comparativo entre aulas práticas que são dadas aqui na Faculdade de Odontologia e dadas na Faculdade de Direito, Ciências, Arte etc., então nós vamos ver a diferença, a distância que vai de uma coisa pra outra, porque todo o material empregado, como eu disse, não é recuperado. E, depois de tudo, esse material é caríssimo. Se se faz uma moldagem, só serve para um paciente; o que se empregou naquela moldagem não tem mais valor. Se se faz uma restauração em pacientes, ou restaurações, bom, o paciente, realmente, foi beneficiado, porque, realmente, ficou com seu dente perfeitamente recuperado. Mas o material que foi empregado, foi gasto, ninguém recupera mais. Então isso pra citar um exemplo um caso: Se se faz uma cirurgia, todo o material que é gasto naquela cirurgia, desde o anestésico até gases, esparadrapo etc., ou fios de sutura, foram empregados, mas num serão, jamais, recuperados.

Então, por aí, vocês vêem como o material didático gasto nas práticas de Odontologia, ou melhor, as práticas de Odontologia todas depende de uma grande parte de material caríssimo e que não são recuperados. E o que acontece é que há falta, há deficiência desses materiais. Muitas vezes são empregados materiais estrangeiros. Num é porque os nossos num têm um valor, vamos dizer, relativo. Têm. Mas é que pra certas coisas, naturalmente, ainda falta aqui substâncias ou matéria-prima que possa suprir o nosso mercado como poderia ser suprido e como é, materiais que são importados. Ora, então, parece que as práticas devem ser sofisticadas. Não, num se trata disso. Mas, quando se trata de gente, de paciente, e não pesquisa de laboratório em animais, tudo que se emprega tem ser o melhor possível, porque nós (es)tamos lidando com gente, com paciente e não com animais. Animais irracionais, é bem claro, num é isso mesmo? Então, daí porque nossas práticas carecem muito desses materiais que são caríssimos. Então, se pergunta: que tipo de materiais pa é, pa é... materiais didáticos? São esses materiais que nós consumimos em todos os nossos laboratórios, tanto na parte clínica como na parte de laboratório propriamente dito,

entende? Então, eu...

[E para as aulas teóricas?]

Bom, para as aulas teóricas, naturalmente, que o que nós utilizamos, normalmente, o que nós utilizamos são as aulas teóricas são sempre feitas através de murais, de "slide", num é isso mesmo? De... é... é... como é que se diz? peças, peças montadas. É o tipo mais comum que nós fazemos nas nossas aulas didáticas. Também precisa desses materiais. É, são projetores, microprojetores, até o próprio giz pra se escrever na pedra, que ninguém escrever, a não ser com giz e colorido, tem mais essa. De modo que essas aulas teóricas, na realidade, são aulas que implicam mais numa... numa... num aperfeiçoamento do próprio professor, isto é, aperfeiçoamento no ponto de vista como ele vai dá-las, como é que ele vai fazê-las, como ele vai projetá-las. Então cabe a ele, professor, naturalmente, organizar todos os seus "slides", né isso mesmo? E, quando num é feito através de "slides", de murais, então também tem os retroprojetores, projetar figuras, proje... projetar livros, páginas etc. Assim são dadas as nossas aulas teóricas. Infelizmente, aqui, ainda, nós não temos um circuito fechado de televisão. Isso é uma coisa

necessária. Isso é uma coisa mais do que necessária, porque nós fazemos no nosso... no no... no nosso ambiente, nas nossas aulas práticas, por exemplo, em cirurgia, nós fazemos as pequenas cirurgias também. E pequenas cirurgias, por menor que seja, ou melhor, qualquer que seja essa cirurgia, num pode comportar, dentro de uma sala de cirurgia, um grande número de alunos. Então, ficaria uma cirurgia apenas para um grupo de cinco, no máximo, de seis, porque mais do que isso eles num (es)tão vendo. A num ser, como eu disse, se houvesse um circuito fechado de televisão. Poderia estar se fazendo uma intervenção e esta intervenção estar sendo vista ou assistida por um grande número de alunos em volta. Infelizmente, nós ainda não dispomos dessa aparelhagem. Pode perguntar. Bem, então nós falamos de instituições, falamos de ensino, mas parece que ficou mais focalizado ensino primário, ensino secundário e até o vestibular. E agora vem o, o ensino superior. Aí é que eu acho que a grande responsabilidade pesa, mas pesa sobre todos aqueles que se candidataram a organizar, a modernizar esse tal ensino superior. Todos os anos, acontece um grande desejo de melhorar o ensino superior e, até hoje, eu tenho certeza de que ainda não

conseguiram, em todas essas áreas de ensino que, realmente, se chegasse a um denominador comum dessa melhoria desse ensino. E, como eu não quero fazer crítica nenhuma a como se fa... como é feito esse ensino no Brasil, o ensino superior, como ele está sendo feito, eu gostaria apenas de me li... de limitar-me à minha área, a área de Odontologia. Já fizemos, dentro da nossa escola, tentativas para que esse currículo odontológico, ele fosse ampliado. Ampliação significa um melhoramento, amplia-se uma coisa, naturalmente, não por conveniências apenas de se gastar mais tempo para se dar, naturalmente, com esse, a esse tempo, as possibilidades de novos professores; não, não se trata disso, mas se trata de que, nessa ampliação, vá uma melhoria de conhecimentos. Tanto mais elástico for esse currículo, naturalmente que terá, para esse currículo, maiores possibilidades de conhecimento. É bem verdade que existe uma corrente de que há necessidade de se precipitar os acontecimentos, isto é, de fazer com que o ensino superior, sobretudo em áreas de saúde, haja uma redução de... de tempo, de número, ou melhor, de anos, de período. Digamos, em vez de seis anos, que passe pra quatro, para fazer face à demanda, à procura de profissionais médicos, dentistas, para todo

esse território nacional. Mas, se de um lado há vantagem, de outro lado há uma grande desvantagem, porque um médico, dentista, num é um mecânico. Não se pode improvisar um médico, nem tão pouco um dentista, pensando-se apenas num prazo de dois anos, dois anos e meio. Porque não seria nem médico e nem tão pouco seria um dentista, ele seria apenas um curioso, ele seria apenas um indivíduo que adquiriu conhecimentos superficiais, gerais, de uma coisa é de uma ciência que é muito séria. Que ele vai lidar, mais uma vez eu digo, ele vai lidar com gente, com paciente. Então, a tentativa de que realmente queira se reduzir esse tempo de... do profissional médico, ou melhor do dentista, então eu falo mais de perto de dentista, essa tentativa, como eu estava dizendo, eu acho que não trará vantagem pelo seguinte: porque não se poderá, jamais, que, em dois anos e meio possa se preparar um profissional para exercer as profissões, que é muita redundância, de um, de um dentista. Quer dizer, esse tempo é muito curto, é muito diminuto para que ele possa, então, aquilatar de todas as, de todas as necessidades para desenvolver com precisão, com acerto, com honestidade, o sacerdócio que é uma Odontologia, ele num pode. Então, para um mecânico, certo. Para um indivíduo que

vai se especializar em determinadas profissões dessa natureza, (es)tá certo, se faça dentro de um ano, seis meses. Mas, para uma área de saúde, com a responsabilidade que ele tem de desenvolver as suas atividades dentro do setor mais importante do corpo humano, que é a boca, que é um todo, que faz parte desse todo, que num é parte isolada do nosso organismo, mas que faz parte de todo esse corpo, desse todo, inclu... esse con.,, cortejo de... de lesões que responsabiliza ele pela vida ou pela morte desse paciente, como é que esse indivíduo, com esse tempo tão precoce, ele será capaz de aquilatar de tudo isso e desenvolver, com acerto, um ramo tão importante da Medicina? Então eu sou sistematicamente contrário à redução desse. Sou também sistematicamente contrário a que essa dilatação seja desproporcional. Não. O que se precisa ver é que, dentro de um período de quatro, cinco anos, cinco anos, então o dentista, realmente, ele estará capacitado para ter, dentro da es... da faculdade, os ensinamentos gerais que vão permiti-lo para que, mais adiante ou mais tarde, ele possa, então desenvolvê-los e aperfeiçoá-los e o aperfeiçoamento a, é uma necessidade. Ninguém vai pensar que, dentro de uma escola, ele vai aprender tudo, como

ninguém aprende tudo dentro de uma faculdade. Ele aprende... ele dentro de uma escola, ou dentro de uma faculdade, ele tem noções necessárias para que, mais adiante, ele possa, naturalmente, desenvolvê-las e aprimorá-las. Isso é o que pode acontecer e que vai acontecer. Então, sobretudo num setor como o nosso, em que o indivíduo, mais adiante - eu digo o indivíduo, eu digo o profissional - ele vai ter, necessariamente, de escolher a sua especialidade. Já foi o tempo em que existia o clínico geral, já foi o tempo que existia o... o... dentista de clínica geral, clínica para adulto, clínica para criança. Num é possível mais. Hoje, é chegado o tempo em que o médico, como o dentista também, ter escolhi... tem que escolher a sua especialidade, pra que ele possa, dentro daquela, daquele campo, que num é restrito, é claro, ele possa, então, desenvolver toda a, as suas atividades, mas desenvolvê-las... com... consciência de que realmente sabe e pode, então, desenvolvê-la. Então, a especialidade, dentro dessa Odontologia, é uma necessidade. Agora, num quer dizer que essa especialidade, ou para que se faça essa especialidade, seja necessário, então, a redução do período ou do, dos anos que o profissional deve... deve acompanhar pra o, a formação

profissional, entende? Então, a tendência que eu sei que existe por aí abaixo é de que deve haver uma redução desse ensino. Isso vai ser a debacle, isso pra mim vai ser o maior fracasso que se pode fazer dentro desse ensino cheio de lacunas e cheio de deficiências. Apontar exemplos, querer transportar o que se faz em outras repúblicas vizinhas do Brasil e querer que essas coisas sejam postas em práticas dentro do Brasil, com a extensão que nós temos, com o número de universidades existentes funcionando, com o número de alunos que nós temos matriculados e aqueles que nunca tiveram a chance e a oportunidade de também se matricular, quer dizer, fazer o estudo comparativo em que se faz, ou queira-se fazer, entre aqueles que passam - num quero diminuir ninguém nem nenhuma, nenhum país - mas, entre Peru, Bolívia e outros, vizinhos, estudo comparativo com nações dessa natureza, tenha paciência. É humanamente impossível, é querer regredir no tempo, no espaço e no pensamento. Eu acho que já era tempo de que essas autoridades, as autoridades constituídas olhassem um pouco mais, olhassem mais para esse... essa maneira de pensar ou de agir. O que se precisa, naturalmente, é melhorar o ensino. Melhorar o ensino num significa reduzir o ensino, não. É dar condições a esse ensino.

É capacitar essa gente. É dotar essas universidades brasileiras daquilo que, realmente, elas precisam. É isso que é necessário. E num vai isso naturalmente, num vai nisso o ensejo de redução de períodos ou de anos de, de ensino. E, acredito também que o prejuízo, por esse tempo de ensino, num será prejuízo, pelo contrário, eu acho que será uma grande vantagem, será um grande passo, porque não está se proporcionando à sociedade, ou à comunidade, que é o termo mais em moda, não está se proporcionando a essa gente apenas mecânicos ou curiosos, né isso mesmo? Mas (es)tá se proporcionando ou dando a essa comunidade, então, profissionais capacitados para que eles possam exercer as suas profissões, para as quais eles escolheram mediante uma coisa que, infelizmente, está desaparecendo. Chama-se "vocaçãõ". Eu acho que a vocaçãõ do indivíduo, ou melhor, essa tendênciã natural para isso ou para aquilo, para aquilo que, realmente, ele pensou, quis e acha que deve fazer, essa vocaçãõ, hoje, esse teste vocacional parece que está sendo ou deturpado ou pelo menos, esquecido. Hoje, o indivíduo vai pra determinadas áreas porque num pode ir pra outras áreas. Ele pensou em ser médico, mas num houve vaga, então ele opina para Nutriçãõ, Enfermagem e

Odontologia etc. E num vai, mais pra outra porque foge àquela área. Então, pergunta-se: "Aonde está a vocação desse moço ou dessa moça? Será que ele gostaria de ser mesmo uma enfermeira, um dentista, um nutricionista? Ou ele gostaria de ser mesmo um médico?" Bom, essa resposta só quem passou por esses vexames ou por essas decepções é quem pode responder. Então o que nós vamos ver é o seguinte: é pelo número de vagas reduzido é que acontece essas deturpações dentro do próprio ensino, dentro das vocações e, quiçá, dentro do próprio profe... é... estado profissional ou con... ou contexto profissional nosso, dentro do Brasil. O que (es)tá se precisando, realmente, é de profissionais capacitados, mas não de curiosos. O que nós (es)tamos precisando, realmente, é de profissionais que possa exercer com acerto, com muita dignidade, a sua profissão. Mas de aventureiros, chega. Eu acho que já é tempo de se pensar em que aventuras cabiam para aqueles dos oceanos, em épocas remotas. Mas agora, não.

[O senhor poderia tentar falar um pouco agora da hierarquia administrativa da Universidade?]

A hierarquia administrativa é um ponto, pra mim, um pouco controvérsico. Hierarquia significa respeito aos mais velhos.

Hierarquia se re... é... diz respeito, ou melhor, é um respeito
àqueles que, por força de circunstância, fator tempo, ele
adquiriu postos gradativamente mais elevados. A hierarquia devia
ser respeitada nesse ponto de vista de conhecimentos. A
hierarquia podia ser respeitada através no caso então da forma
de administração de uma Universidade, essa hierarquia devia ser
respeitada através do "currículum vitae" de um indivíduo. Num
se pode ocupar um posto elevado se a pessoa para o qual se
propõe num tenha um "currículum vitae" capacitado. Num se pode
passar de um posto para outro se ele num se promoveu, mas não
por por... "pistolões", não por conhecimentos, não porque
houve uma estrela que brilhou mais. Não. Se ele num se promoveu
por si próprio, pelo seu esforço, pelo seu trabalho, pelo seu
sacrifício, por aquilo que ele é capaz de produzir. Então, as
promo... as promoções hierárquicas deviam ser baseadas nisso que
ele tem, no seu valor, e não no seu aspecto político. Eu acho
que política quando entra em Universidade e, quando entra no
ensino, traz apenas uma coisa: um estrago, um prejuízo
abominável. Ou é ensino, ou é política. As duas coisas são
totalmente diferentes e devem ser afastadas. Então, a

organização administrativa dentro de uma, de um, de uma
 Universidade, ao meu ver, deveria, justamente, ser feita e
 palmilhada dessa forma; quer dizer, devia testar os indivíduos que,
 realmente, vão assumir postos, quaisquer que sejam esses postos;
 e aqui, na nossa Universidade, por exemplo, nós temos os
 Pró-Reitores. Pró-Reitor de Pesquisa, Pró-Reitor de a... de, de
 Assuntos Acadêmicos, Assuntos de Comunidade, enfim, de Apoio
 Administrativo, uma série de, de Pró-Reitores. Então, pergunta-se:
 quem deveria ocupar esses postos? Mas quem deveria ocupá-los?
 Deveria ocupá-los aqueles homens que, pelo seu saber, pela sua
 experiência, pela sua formação moral também, que isso deve
 implicar, porque ele vai ocupar postos de uma grande uma
 significância... de um si... de significação política, quer dizer,
 social, política, não social. Então, se ele não tem extrado
 consigo, se ele não tem uma base pra'quilo, quer dizer, no
 ponto de vista de moral, eu acho que ele num seria capaz, nem
 poderia. Então, essa hierarquia administrativa deveria ser
 baseada, fundamentada, nessas possibilidades que esse indivíduo
 tem no ponto de vista de cultura, de moral e, até mesmo, vamos
 dizer assim, de religião. Que, hoje em dia, já num se pode mais

pensar no indivíduo, que ele não tem um credo, seja qual for, mas que, realmente, esse credo, ou essa crença, ou essa fé leve esse indivíduo a não ser um demagogo, exclusivamente. A não ser um aproveitador de oportunidades, que o leve a umas coisas mais sérias, que ele pense que há uma consciência e que ele deve se filiar a ela e segui-la em todos os seus passos de sua vida. Então, a hierarquia, na parte administrativa, a minha maneira de ver, devia ser feita através de um currículo desse indivíduo. Ele devia ser submetido a isso, já que, se existe concurso, pra isso num existe concurso, existe concurso pra vestibular, existe provas pra isso, aquilo, aquilo outro, pra promoções. Mas, se num existe prova pra ele ser um Prô-Reitor de a... administrativo, pelo menos que ele fosse submetido, ele, ou melhor, o seu currículo fosse submetido a apreciação, e ver se, realmente, ele é capacitado para desenvolver aquelas funções. Que, diga-se de passagem, administrar é um dom. O indivíduo pode ser muito culto e ser um péssimo administrador. Ele pode não ter uma cultura tão elevada, ser um ótimo administrador. Então, vamos testar esse indivíduo. Ele vai ser o quê? Um Prô-Reitor? Muito bem. Ele vai ser o Reitor da Universidade? Então vamos ver se ele, ele

consegue a... ou melhor, qu'ele se... reunir essas qualidades: de um homem culto e de um grande administrador. Se ele consegue as duas coisas, então feliz daquele reitorado. Mas, se ele não consegue as duas coisas, pode ser que seja um bom reitorado, mas a organização administrativa a esta hierarquia deve ser muito pesada, deve ser muito séria, deve ser muito estudada e deve se exigir muito de um candidato que se propõe, a ser, digamos, no caso, o Reitor de uma Universidade, qualquer que seja ela.

[Mas, além dos reitores, o Reitor não poderia tomar conta dos diversos órgãos, dos diversos órgãos. Então, em cada órgão, em cada setor, em cada parte da Universidade, existem outros cargos hierárquicos de administração. O senhor poderia falar sobre isso ?]

Pois não. Aqui, por exemplo. Tomando como exemplo a nossa Universidade. Primeiro, nós temos um Reitor e os seus Pró-Reitores para diversos setores. E como a nossa Universidade experimenta, no momento, uma transformação no... na sua maneira de administração, etc., então é possível que, mais adiante, tudo se transforme em centros - a tendência é essa, centros - então, no momento, nós temos um Centro de Ciências da Saúde, que é

dirigido, tem o seu diretor, quer dizer uma pessoa que congrega, nesse Centro, todos os outros Departamentos das diversas unidades. Então, cada Faculdade tem os seus, seus Departamentos. Tanto mais em número quanto maior for os anos, os currículos, os períodos etc. No nosso caso, por exemplo, nós temos dois Departamentos. São dois chefes de Departamentos. Esses Departamentos são filiados, vamos dizer assim, à diretoria do Centro de Ciências da Saúde, que por sua vez é subordinada ao Reitor, certo? Então tudo que se passa dentro de uma unidade está, tudo que acontece fica afeito a... os outros Departamentos. Cada Departamento então tem o seu chefe e cada chefe, naturalmente, ou cada Departamento tem as disciplinas que são filiadas a esse Departamento. Então, fica, ficam esses professores subordinados -quer dizer, subordinados na maneira de falar, num é isso mesmo? que subordinação num existe nesse passo -mas ficam filiados, vamos dizer assim, a esse chefe de Departamento. Então, o que eles desejam, o que eles querem, o que eles propõem, enfim, qualquer uma dessas coisas deve ser levada ao conhecimento desse chefe que, por sua vez, então, leva ao conhecimento do diretor do Centro de Ciências da Saúde.

Quer dizer, é essa a parte administrativa atualmente preconizada dentro da Universidade. Eu creio que, se existe, ainda, algumas anomalias ou distorções, bom, essas implicações, naturalmente, é porque o sistema ainda não está perfeitamente articulado. É possível, portanto, que, mais adiante, e isso virá, naturalmente, a concretização de toda essa parte, de todo esse desejo do próprio Reitor de fazer com que essa engrenagem possa marchar de uma maneira melhor, menos centralizada. Deve ser descentralizada: é humanamente impossível pra um Reitor assumir tudo isso que se passa em todos os Departamentos de todas as unidades, que são mais de onze. Então, é preciso que essas coisas sejam descentralizadas, é preciso que haja cen... coin... existam Centros e, quem sabe, que essas coisas, então, fiquem, certas, certos problemas sejam, realmente, resolvidos dentro dessas próprias unidades. Acredito que esse seja o pensamento da modalidade, ou melhor, das modificações que a Universidade se propõe a fazer agora. Diga.

[E quanto à promoção do professor, desde a entrada à Universidade até o último grau?]

Bom, as promoções ININT. do professor, essas promoções estão,

já foram modificadas. Há muitos anos atrás, o professor, aqui nessa, na, na nossa faculdade -creio também que nas outras- esse professor, ele entrava como assistente voluntário. Eu mesmo fui um assistente voluntário. Quer dizer, o nome está dizendo, eu tenho vontade de ser assistente de uma determinada disciplina. Então, para que isso acontecesse, eu fazia uma petição ao titular daquela disciplina pra ficar como assistente voluntário sem remuneração, claro. Então, depois de um certo período, ele, esse assistente voluntário, ele era obrigado a fazer um concurso. Isso há uns anos... anos atrás. Hoje, o processado é diferente. Então naquele tempo, depois de dois anos, ele era obrigado a fazer o concurso. Docente-Livre ou Livre-Docente, como queira. Depois de Docente-Livre, ele poderia fazer, se promover, mais adiante, para Professores Adjuntos etc. Até que ele pudesse, algum dia, galgar uma Cátedra. Mas ele só podia fazer isso, naturalmente, se houvesse vaga, se houvesse algumas disciplinas vagas, num é isso mesmo? ou se houvesse o falecimento do Titular, para o qual ele foi voluntário. Quer dizer, ele teria que esperar que alguém morresse pra poder assumir. Então, isso chamava-se Professor Catedrático Vitalício. A vitaliciedade foi

um fato e a... num existe mais, num existe mais Professor Catedrático. Bem, isso há muitos anos atrás. Hoje, a coisa já é totalmente diferente e, possivelmente, como num podia deixar de ser, mais certa, né isso? Então, ele entra fazendo um concurso pra Assistente de Ensino, depois, claro, de ser formado, que há uma certa exigência, pelo menos seja formado, é lógico, que num podia entrar na faculdade quem num fosse nem formado, então é um charlatão. Então, ele entra se preparando para fazer um, um concurso de Auxiliar de Ensino. Auxiliar de Ensino. E depois as promoções vêm, aí é que é o certo, através do seu esforço, através do seus trabalhos de pesquisa, através do seu próprio currículo, dos... dos estágios que ele possa fazer, dos cursos de aperfeiçoamento que ele possa frequentar etc., aqui ou no estrangeiro, num interessa. Então, segue gradativamente, depois de Auxiliar de Ensino, Professor Assistente, Professor Adjunto até responsável ou Titular por uma disciplina. O titular, ele hoje (es)tã desempenhando o papel de um Catedrático de alguns anos atrás. O meu caso, por exemplo; eu sou professor Catedrático porque, quando eu fiz concurso, ainda nem ININT. entrada na faculdade, ainda é daquela forma, daquela maneira. Hoje, o

indivíduo se promove, como eu digo, através do seu esforço. E eu acho isso muito válido. E acharia muito válido o seguinte: é de que ele continuasse como responsável ou titular até quando lhe fossem dadas condições para que ele pudesse desempenhar suas funções. Porque o que acontece é que -num é crítica, num vai nenhuma crítica- o que eu digo, eu digo pela experiência que eu tenho e pelo que eu passei e pelo que eu experimento. Não são todos, mas uma grande parte se acomoda. Depois que atinge um certo posto, depois que chega... chega a uma certa posição e que lhe dá aquele direito ou aquela garantia, então tem o que nós chamamos de acomodação. Entrega tudo aos seus assistentes, aos seus colaboradores. Então lhe acoberta uma auréola de super-homem, entende? Mas é um super-homem que num faz nada. Então, eu acho que isto, quer dizer, esta minha maneira de pensar, entende, é essa minha maneira de agir e eu posso dizer isso de sã consciência porque eu também tenho autocrítica de mim mesmo. E acho que, o homem tem um período de vivência, o homem tem uma idade que, realmente, às vezes, não representa a aquela que ele tem, ou que ele parece ter. Mas ele tem uma idade para que o seu raciocínio ainda possa vigorar e a sua consciência

ainda possa predominar sobre as coisas certas ou erradas. Mas num se pode pensar que esse homem será eterno, nem tão pouco pode-se querer que esse homem dê o mais, o máximo depois de que ele atingiu uma certa idade, porque, depois de uma certa idade, fatalmente vêm os problemas de des... de desgaste. Fatalmente vêm os problemas que nós chamamos de uma esclerose, e o indivíduo esclerosado, esse devia ser afastado. Ele num está esclerosado porque quer, mas é uma decorrência do próprio fator desgaste, do próprio fator humano, tudo se desgasta, tudo se cansa, e ele num pode ter mais. Quer dizer, então, o que vai acontecer? O que vai acontecer é que os fatos, as idéias(s), as teorias, essas se atualizam, se modernizam. Mas ele num pôde mais se modernizar, nem se atualizar, porque o pensamento - a consciência, não - mas o pensamento, o raciocínio, esse está mais ou menos emperrado. E num há outro jeito, a num ser que ele, então, passe pra reserva e dê o lugar àqueles, porque a renovação é necessária. Renovar é importante, renovar é progredir, renovar é modificar. Renovar, na minha maneira de ver, é avançar além daquilo. Então, vamos... vamos, é... apregoar esta renovação. A velhice, por si, é um cansaço, num é prêmio,

não. Eu não acredito que seja prêmio. Eu acho que a velhice seja uma consequência, claro, desse desgaste, mas não como prêmio, mas como uma pedra que foi lançada ao homem, para que nesse período, pelo menos, ele pense um pouco em si e pense um pouco em Deus e pense, naturalmente, que o que ele tinha pra fazer, já deve ter feito. Ele devia ter feito que, se não fez, agora é tarde demais. Bem, aqui há ainda mais alguma coisa sobre Igreja, ensino, instituições. Eu acho que esse é um dos assuntos mais...

[A Igreja]

Igreja? Igreja é um dos assuntos mais controversos hoje em dia. Controversos, não é a Igreja que é controversa, é controversa. Controversos são os credos existentes. Controversos são os homens, é a maneira de pensar, é a maneira de agir, e a maneira de encarar as coisas, é a maneira de... de receber, de acatar e, sobretudo, de interpretar. Pessoalmente, eu digo que fui educado numa Igreja Católica, como grande parte dos brasileiros. Mas, pessoalmente, eu também digo o seguinte: eu tenho a minha maneira de crer, de acreditar e não posso admitir que um homem, nenhum homem, seja ele qual for - não interessa que seja pobre, seja rico, culto ou in... ou anal... não, não interessa - uma

criatura humana, eu num acredito que homem num tenha, num possa acreditar. Ele tem que crer em alguma coisa. Ele tem que acreditar em alguma coisa que possa ter as mais variadas denominações - ou Deus, ou outra coisa. Mas ele tem que crer, ele tem que ter uma fé, que, do contrário, ele cai num verdadeiro abismo, antes de ser mergulhado nesse próprio abismo. Então, Igreja, conceito de Igreja... Eu acho que a coisa mais interessante, nesse particular, é apenas o homem abrir os olhos, olhar pra cima, olhar para o mar, olhar para as plantas, olhar para os pássaros, olhar pra toda essa beleza que nos acu... que nos reveste, a... a... natureza é revestida, e ele olhar pra tudo isso e ver que em tudo isso deve ter havido um Deus, deve ter havido alguém que fez, deve ter alguém que fez. Deve ter alguém que pensou em que todas essas coisas seriam muito boas para nós e podiam fazer bem à nossa vista. Então, acho que a fé é uma coisa que deve sempre estar presente em todos os homens, em todas as criaturas. Igreja, fé. Então, ligar as duas coisas, eu acho que uma seria uma espécie de caminho de seguir. Eu devo seguir por essa, por esse caminho, por essa vereda, ou por aquela vereda? Então será a igre... a Igreja. A fé, então, é o

condicionamento, é o que me leva a andar por essa... esse caminho ou por essa trilha. E como essas Igrejas quase todas elas falam num Deus, ou quase todos objetivos dessas Igrejas é sempre dizer: "Olha existe um Deus, você deve culti... você deve adorar, que você deve respeitar". Então, pergunta-se: Será que todas elas são certas? Será que todas elas são verdadeiras? Será que todas elas, realmente, ensinam aquilo que o Cristo pregou? Num sei. Num quero responder porque num quero incriminá-las, entende? Eu acho que o homem é suficientemente inteligente pra escolher aquilo que, realmente, lhe diz mais de perto e o que lhe diz mais diretamente. Eu penso - eu - penso que, para se viver bem, para se ter fé, acreditar, ser honesto, viver feliz e ter a felicidade dentro de si, basta apenas que ele pense nas palavras do Cristo, ame a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo. Se ele faz isso, se ele cumpre isso, se ele põe em prática isto, eu acho que ele está muito certo. Então, as Igrejas estão apenas de portas abertas para que cada um, então, possa chegar até lá. Não para chegar até Cristo. Não. Que você para chegar até Deus, ou a Cristo ININT. basta que você eleve o seu pensamento e você já está junto dele, porque ele está junto de

você em todas as ocasiões e em todos os momentos. Se ele está em toda parte, por que é que você tem que (es)ta(r) numa casa que chamou-se Igreja? Se ele está junto de você, lhe acompanha, lhe criou, lhe fez, quer você feliz, por que é que você tem que se revestir de um hábito, de um manto, de uma toga ou de qualquer uma dessas coisas para chegar junto dele? Que será depois da morte? Alguém vai levar você até lá? Bom, então eu acho Igreja é uma necessidade.

PROJETO NURC

INQUÉRITO BR/RE Nº 128

BOBINA BR/RE Nº37

PISTA 2 (551 - 1530)

TIPO DE INQUÉRITO: DID

DURAÇÃO: 1 hora

ÁREA : INSTITUIÇÕES: ENSINO-IGREJA

INFORMANTE : Nº 143

SEXO : M

IDADE : 60 anos

DATA : 17-08-78

DOCUMENTADORES: Cristina Barros

Ednah Nascimento

GRAVADOR : Phillips Nº4416

CONDIÇÕES TÉCNICAS DE REGISTRO : Normais

Atendendo à solicitação de vocês pra esse estudo de pesquisa, entre os temas preconizados para este, esta pesquisa, um desses temas seria, portanto, as instituições de ensino e a Igreja, com as suas variedades, com os seus tipos, com as suas crenças, etc. Não há dúvida nenhuma que falar de instituições ou de ensino, naturalmente, aqui no Brasil, uma das coisas mais interessantes, sobretudo pela discussão que é feita em torno do mesmo assunto. Cada ano que se passa, nós observamos as modificações que se tentam fazer dentro do ensino, mas não somente no ensino secundário e ginasial e quem sabe nesses... nesse nosso ensino universitário, mas também no ensino primário. E essas modificações, se até hoje ainda não chegaram a um... um clímax de satisfação plena para todas as classes naturalmente que muita coisa pode ainda ser feita, e deverá ser feita, sobretudo quando se trata de ensino primário e de ensino secundário ou ginasial, que constitui, sem dúvida alguma, a base para o ensino da uni... na Universidade, o que nós, hoje, constatamos, através dos vestibulares realizados na nossa Universidade é que esses vestibulares traduzem, na realidade, o grau de conhecimento dos nossos alunos. Quer dizer, é um "deficit" de conhecimento que

se aquilata a cada ano que se passa. Não vamos dizer que esse "deficit" ou essa deficiência seja uma causa ou seja origem da pobreza de espírito e raciocínio do próprio aluno. Não. Todas essas coisas, naturalmente, têm a sua razão de ser. A fundamentação desse "deficit", a minha maneira de encarar e de ver, a fun... a, o fundamento é de que esses alunos não encontraram um ensino capacitado. Não encontraram, naquela escola primária, naquela escola secundária e também gínginaçal, aquele que deveria ser, realmente, o básico ou a base de conhecimento para que ele pudesse, então, ingressar numa universidade mediante, naturalmente, o ensino... um concurso que é o vestibular. O que se apregoa por aí é que, na realidade, se experimenta modalidades diferentes de vestibular. Ou tirando uma disciplina, ou colocando outra; de qualquer forma, há tendências pra se melhorar. Tendências. Mas, coisas concretas, até hoje, parece que ainda não apareceu. E o que nós verificamos é o seguinte: é que quando os alunos conseguem ultrapassar essa barreira, essa grande dificuldade, essa grande batalha que chama-se "vestibular", o aluno que venha às nossas escolas, esses alunos vêm desprovidos daquilo que seria o essencial do

conhecimento para que ele pudesse aquilatar melhor, com maior facilidade, o seu raciocínio nessas outras disciplinas que são especializadas. Então, nota-se a dificuldade que eles têm em captar os conceitos, as teorias. Nota-se que eles têm ca... têm uma grande dificuldade, sobretudo se os testes que são dados pra esses alunos, ou pra esses universitários, esses testes são escritos. A dificuldade é muito maior quando o professor exige que essas provas num seja apenas através de um riscadozinho - sim ou não - mas sejam feitas através de uma dissertação. E aí é que os a... o aluno se depara com a sua grande dificuldade, ele num conhecer sua própria língua, o seu próprio idioma. Então, pergunta-se: "mas por que dessa dificuldade? Por que que se essas instituições carentes, naturalmente, desde o ensino primário, desde o ensino secundário, desde o ginásial, por que que essas instituições, até hoje, num procuram, realmente, coadunar todas essas coisas"? Ou, então, procurar uma solução de que, realmente, melhore esse ensinamento. E melhorando esse ensinamento, ou esse ensino, é claro que, fatalmente, nós teríamos, então, alunos mais capacitados para este vestibular. Que, na realidade, num é tão difícil quanto se diz. A dificuldade está, justamente, na falta

dessa base, na falta desses conhecimentos. Então, se eles não trazem consigo base e esses conhecimentos necessários deveriam ser dados, deveriam ser ensinados ainda no primário, no secundário, nesse ginásial, num seria um cursinho de dois meses, de três meses, esses cursinhos que preparam para... o aluno para um vestibular, que pudesse suprir todas essas lacunas, todas essas difi... dificuldades que foram apontadas durante todo esse primário, todo esse secundário, todo esse... esse ginásial, perfazendo um total de anos e que num pode ser recuperados em apenas seis meses. E quando, no final de tudo isso, se preconiza, às vezes, a introdução de línguas de outros idiomas, quando, na realidade devia se pensar de que... deveria valorizar o que é nosso, quer dizer, valorizar o nosso idioma, capacitar o aluno para que ele realmente conhecesse a língua portuguesa, porque ele vai falar esta língua. Ele vai utilizar desse idioma. Ele vai escrever nesse idioma e é esse idioma que ele desconhece. E a comprovação disso está através das provas que são feitas quando há uma exigência de dissertação de assuntos. (En)tão, a minha maneira de ver essas coisas, se bem que eu não faço parte de banca de vestibular, mas, quando eu começo, inicio as minhas

aulas, esse primeiro "tête-a-tête" que eu faço com os alunos, então a gente sente que, realmente, essas coisas que vão ser ministradas aqui, dentro de uma faculdade de nível superior, certas coisas que devem ser ditas numa linguagem, num linguajar acessível, muitas vezes, então, vai acontecer que esses alunos não têm... não estão nem capacitados para um raciocínio seguro e preciso para disciplinas de importância tremenda porque se trata de uma área de saúde, é uma área especializada em saúde e que os alunos vão lidar com pacientes, com gente. São problemas, portanto, que devem merecer da parte de, de quem tem à frente a responsabilidade dessas instituições de pensar nesses problemas. Quem sabe que é nesse ensino... é... primário é quando essas crianças começam a balbuciar as primeiras palavras, que essas palavras devem ser balbuciadas certas, certo e não erradamente. É através desse secundário que leva o aluno a um grau um pouco mais de aper... de aperfeiçoamento, é que essas matérias ensinadas devem ser ensinadas com muito carinho e com muito cuidado e devem ser totalmente revisadas. Acredito, portanto, que o ensino, no Brasil - isso em tese, falando de uma maneira geral - esse ensino precisa ser remodelado. Esse ensino precisa

ser revisado. Há uma coisa que eu discordo totalmente é de que se preocupa-se, ou melhor, há uma grande preocupação pra essa parte de ensino superior, sem pensar de que, na realidade, todo o ensino primário, todo o ensino secundário e, por não dizer também, esse ginásial, esses deveriam ser gratuitos e obrigatórios. E deixasse esse ensino superior, que é para uma elite privilegiada, deixasse então pra se pensar como ele seria: remunerado, gratuito ou de qualquer forma. Mas a preocupação maior deveria ser nesse sentido de que essas instituições que, naturalmente para sua sobrevivência, deveria ter uma dotação do governo. Que também essas instituições com seus professores pagos, com seus prédios, enfim, com todas essas necessidades que essas instituições devem ter e deveriam ter, como têm, naturalmente, uma assistência, não apenas técnica, mas uma dotação, uma verba especial para sua sobrevivência. Aí, então, a preocupação deveria ser justamente no sentido de dotar essas facu... essas instituições, esses ensinos secun... é... primário, secundário e ginásial, do que fosse capaz, necessário, e dar possibilidade para que todo mundo estudasse, mas estudasse de graça. O ensino deveria ser gratuito nesse sentido e friso: quando chegar ao ensino superior,

tem um curso superior, dificilmente ele vai vencer na vida. Porque, dificilmente, ele terá um emprego condigno para sua... aquela situação humana da criatura. Sobretudo quem atravessa os períodos que nós atravessamos hoje, as grandes dificuldades para essa sobrevivência. Quer dizer, além de ser uma luta pelo ensino, uma luta para o aprendizado, uma luta para esses conhecimentos, então vem a segunda luta, a segunda batalha, que é justamente aquela de como é que ele vai viver de acordo com a profissão que ele escolheu. Então, todas essas dificuldades, todas essas batalhas seriam solucionadas, naturalmente, condicionadas à maneira como é feito o ensino, como é dado esse ensino, como se ensina, realmente nas nossas escolas primárias, secundárias... secundárias e no ginásio, etc. E, naturalmente, uma referência especial ao ensino dentro das universidades. O aluno que entra numa universidade, naturalmente que ele vem imbuído de todos os seus ideais, ele atingiu como que um clímax, uma vitória, não há dúvida nenhuma. Então ele vem, como jovem, cheio de idealismo; naturalmente porque venceu aquela primeira corrida, aquela batalha, ele já se julga, então, capacitado para chegar até o fim. Mas Deus sabe como ele vai chegar até lá. Que, depois de ter vencido essa primeira

então, se o governo tem possibilidade de também dar a oportunidade de estudar gratuitamente, que o faça; mas, se não há possibilidade de se manter esse sem-número de universidades brasileiras, que tem mais de vinte e duas universidades, muito mais do que isso, então que essas universidades, que captam apenas um grupo, que eu chamaria de grupo privilegiado, porque todo mundo tem o direito de estudar, todo aluno que termina o seu científico, ele quer entrar numa universidade, é o desejo de cada um; então, há um imperativo de que se acoberte essa gente que tem esse desejo - salutar, não há dúvida nenhuma - mas que, infelizmente, as universidades não têm a... essa possibilidade de inscrever todos esses alunos que fazem o vestibular. Então, é por isso que eu chamo de uma classe privilegiada. É uma elite, mini-pequena demais, que a grande massa, mesmo, está fora. As universidades não comportam. Então, pergunta-se: "Qual seria um... a maneira, portanto, de acobertar todos esses, ou melhor, de vê-los realizar os seus sonhos, seus desejos, que é realmente imperativo. Todo mundo quer se formar. E o jovem de hoje, com a mentalidade de hoje, ele já se... já sentiu essa necessidade de que, se o indivíduo, se a moça ou rapaz não estuda, se não

batalha, ou seja, esse, esse vestibular, vêm outras batalhas. É o poder econômico, é o poder financeiro. Será que ele vai ter capacidade, não apenas de... de assimilar os conceitos, as teorias? Não. Mas será que ele tem capacidade, ou melhor, se ele está numa situação em que possa dar a ele condições de poder atender a todas essas demandas? Será que ele se alimenta perfeitamente? Será que ele se veste perfeitamente bem? Será que ele vai ter condições para comprar livros? Será que ele vai ter condições de transporte? E todas essas coisas reunidas numa só vai dar pra ele uma quebra daquela seu idealismo. E olhe lá: muitas vezes, isso redonda num verdadeiro complexo, complexo de inferioridade. Então, todo aquele seu idealismo, porque venceu a primeira batalha, passou no vestibular e ingressou na faculdade, talvez que num seja mais um encanto mas sim um desencanto, porque ele num vai ter, daí em diante, aquelas condições básicas para que ele possa realizar, não um sonho, mas um objetivo: formar-se algum dia e viver da sua profissão. Por isso que, na minha maneira de encarar essas coisas, eu acho que precisa um reparo, um grande reparo no ensino brasileiro. Não costumo tomar por base o figurino do estrangeiro. Não costumo nem gosto de tomar

por base aquilo que se passam nas grandes capitais européias ou na América do Norte, sobretudo. Porque as possibilidades financeiras, a situação em que vivem aquelas universidades num são as mesmas em que vivem as universidades brasileiras. Quem examina, quem lê, quem vê as estatísticas do quanto o governo determina para o ensino, de uma maneira geral no Brasil, está suficiente para ver de que, realmente, esse ensino ainda num chegou a ter, de direito e de fato, o que ele merece. Então, as verbas destinadas ao ensino, não são aquelas que diriam ser preconizadas por todos aqueles que ocupam um posto, ou seja, Ministro da Educação e Cultura. Eu acredito que todos nós gostaríamos de ver que essas verbas fossem melhor distribuídas para que o nosso povo ainda não tivesse o rótulo de subdesenvolvido. Mas -num vai aqui uma crítica- mas uma maneira de encarar, uma maneira de pensar, uma maneira de que, realmente, como brasileiro e como professor, eu sinto, realmente, essas dificuldades, e sinto essas dificuldades e peso as mesmas dificuldades e o pior de todos é que, como professor, num posso resolver essa situação. Mas posso, naturalmente, dizer qual a minha maneira de pensar, qual a minha maneira de agir e

como eu gostaria que as coisas fossem feitas, sobretudo aqui em Pernambuco. Que pobreza, carência, deficiência, é... instituições para se acabar, para terminar, falta de tudo dentro de uma escola; bom, isso num é privilégio nosso, quer dizer, de Pernambuco; isso num é apanágio da nossa... do nosso ensino, ou da nossa universidade, não; isso a gente encontra em todas as universidades brasileiras, as mais aquinhoadas e as menos aquinhoadas. Todas essas deficiências relativas nós encontramos de uma maneira geral. Então, que é que se deve fazer pra que essas coisas, realmente, desapareçam, para que se tente, pelo menos, minorar... é... minorar tudo isso? É apenas uma questão de ponto de vista. É apenas uma questão de querer dar aquilo que realmente é mais necessário e eu acho que o que é mais necessário dentro de uma república, dum país, dum pátria é o ensino, é a cultura. Você pode pensar que o indivíduo se desenvolve só porque ele se alimenta bem. Mas é preciso que ele, além dessa alimentação boa, sadia, necessária, é preciso também que seja culto, que se dê possibilidade dele adquirir maiores conhecimentos. Não se vence pela força. Só pela força, não. Vence mais e muito mais pela cultura, pelo conhecimento e pelo saber. O homem se valoriza, não

por aquilo que ele é na realidade, fisicamente, mas por aquilo que ele pensa, por aquilo que ele faz, por aquilo que ele constrói, pela sua sapiência, pela sua inteligência, pelo seu caráter, pela sua formação moral, etc. Bom, então, o mais interessante é que nós pudéssemos aliar essas coisas todas, compreendeu? E se nós pudéssemos aliar todas essas coisas, eu estou bem certo e bem crente de que o nosso ensino só teria que ganhar e vencer. Porque, dizer que o brasileiro não é inteligente? não. Nós somos tão inteligentes como os mais inteligentes dos homens que vivam nesse planeta, nesse globo. O que precisa é apenas condições; dê condições e, o brasileiro, então, aparece. Nós somos tão inteligentes como qualquer um outro, alemão, estrangeiro qualquer que ele seja, é porque, naturalmente, eles tiveram as maiores possibilidades, maiores possibilidades de aproveitamento de conhecimento porque lhe deram os materiais mais sofisticados possíveis. Tem um exemplo: no nosso meio, no nosso ambiente, na nossa universidade, não existe microscópio eletrônico. E como é que nós poderemos ensinar certas disciplinas, sem que não houvesse ins... instrumentais básicos; não digo mais sofisticados, mas modernizadas. O que nós temos são ultrapassados. Então cai por

terra aquilo que nós dissemos, porque nós apenas dizemos, mas não provamos porque nós não temos esse material. Então aí não cai bem no jogo a nossa responsabilidade, ou melhor, a nossa, o, a nossa inteligência, mas sim a nossa deficiência de instrumento, essa que é a verdade. Bom, eu acho que ensino é uma coisa séria. Ensino...

[O senhor poderia citar os equipamentos que nós temos?]

Bem, eu posso citar os equipamentos que nós temos dentro da nossa escola, da nossa faculdade. É claro que esse... esses equipamentos, esses variam de acordo com a área, num é isso mesmo? De aí, de acordo com a, a unidade; enfim, cada um tem os seus equipamentos é, adequados para o ensino daquelas disciplinas. Então, mais particularmente, o nosso, na nossa faculdade. Ora, o que acontece, justamente, é isso que eu acabei de dizer: nós temos disciplinas que são eminentemente práticas, quase todas elas. Mas tem disciplinas em que nós lidamos com material humano, ou melhor, lidamos com o material que é retirado da pessoa, de gente, para pesquisas, biópsias, sobretudo as biópsias. E como é que nós podemos dar certos diagnósticos, sobretudo diagnóstico diferencial, de tipo de lesões, que tem que ser submetidas essas cortes histológicas, se nós não temos esses tipos de microscópios que eu falei, tão

necessários para atualizar esses conhecimentos. Então, o que acontece é o seguinte: é que nós (es)tamos, ainda, por causa disso, em decorrência dessas coisas, com o ensino atrasado, com um ensino retrógrado, um ensino que, na realidade, não é aquele que gostaríamos que fosse, modernizado ou atualizado. Mas são teorias, são conceitos já é... ultrapassados. Mas num foi a nossa inteligência que foi ultrapassada, não, porque nós vemos nos livros, nós temos, então, os jornais, nós temos todos os periódicos atualizados estrangeiros. Mas periódicos, teorias, apenas livros, mas num temos esses instrumentos que pudéssemos, então, mostrar aos nossos alunos o que, na realidade, acontece de novo, de moderno que vem revolucionar toda a ciência médica, e quiçá odontológica que é um ramo da Medicina. Então, é por isso que eu insisto em que o... o homem brasileiro é tão inteligente como qualquer um ser humano nesse planeta, ou desse globo terrestre. O que lhes falta é apenas, condições; o que lhe falta é apenas, para desenvolver a sua inteligência, são essas condições, meios de trabalho, é... instrumentos de trabalho. Aquilo que realmente ele se dedi... pa... para o qual ele se dedicou ou ele tem a sua especialidade. São essas coisas,

portanto, que nós estamos sentindo de perto e que, infelizmente, não há uma possibilidade, pelo menos eu não vejo, no momento, uma possibilidade, de uma possibilidade de sa...é... sanar todas essas deficiências. Tudo isso implica em dinheiro e, como sempre, as verbas são sempre deficitárias. Eu acho que respondi sua pergunta. Mas eu...

[O senhor falou em equipamentos mais ligados à sua área. Mas que material poderia ser empregado - material didático - poderia ser empregado no primeiro grau, no segundo grau, no secundário?]

Bem, o material, aqui, seguinte: nós temos um material apenas didático, ou melhor, de consulta; nesse caso, seriam os livros. Claro, nós temos uma biblioteca mais ou menos aparelhada. Eu digo mais ou menos aparelhada pelo seguinte: porque num é, uma biblioteca especializada, pelo menos no nosso setor. Existem, realmente, livros de Odontologia. Existe até um grande número de livros de Odontologia. Mas, ainda, esse, é, esse, esse número não satisfaz plenamente dentro de todas as nossas especialidades, eu não quero me referir às outras especialidades das outras unidades. Eu levo o, o fato apenas, eu focalizo o assunto dentro da própria Odontologia. Então, esse material didático, ele... um desse ma... Agora, o outro é

aquele que nós empregamos cotidianamente nas nossas aulas práticas. Ora, o ensino de Odontologia talvez seja o ensino mais caro, mais dispendioso que tem dentro da Universidade, porque todas as aulas práticas são dadas em pacientes e todo o material que é empregado não é recuperado. Então, o gasto é tremendo. Se (vo)cê fizer um estudo comparativo entre aulas práticas que são dadas aqui na Faculdade de Odontologia e dadas na Faculdade de Direito, Ciências, Arte etc., então nós vamos ver a diferença, a distância que vai de uma coisa pra outra, porque todo o material empregado, como eu disse, não é recuperado. E, depois de tudo, esse material é caríssimo. Se se faz uma moldagem, só serve para um paciente; o que se empregou naquela moldagem não tem mais valor. Se se faz uma restauração em pacientes, ou restaurações, bom, o paciente, realmente, foi beneficiado, porque, realmente, ficou com seu dente perfeitamente recuperado. Mas o material que foi empregado, foi gasto, ninguém recupera mais. Então isso pra citar um exemplo um caso: Se se faz uma cirurgia, todo o material que é gasto naquela cirurgia, desde o anestésico até gazes, esparadrapo etc., ou fios de sutura, foram empregados, mas num serão, jamais, recuperados.

Então, por aí, vocês vêem como o material didático gasto nas práticas de Odontologia, ou melhor, as práticas de Odontologia todas depende de uma grande parte de material caríssimo e que não são recuperados. E o que acontece é que há falta, há deficiência desses materiais. Muitas vezes são empregados materiais estrangeiros. Num é porque os nossos num têm um valor, vamos dizer, relativo. Têm. Mas é que pra certas coisas, naturalmente, ainda falta aqui substâncias ou matéria-prima que possa suprir o nosso mercado como poderia ser suprido e como é, materiais que são importados. Ora, então, parece que as práticas devem ser sofisticadas. Não, num se trata disso. Mas, quando se trata de gente, de paciente, e não pesquisa de laboratório em animais, tudo que se emprega tem ser o melhor possível, porque nós (es)tamos lidando com gente, com paciente e não com animais. Animais irracionais, é bem claro, num é isso mesmo? Então, daí porque nossas práticas carecem muito desses materiais que são caríssimos. Então, se pergunta: que tipo de materiais pa é, pá é... materiais didáticos? São esses materiais que nós consumimos em todos os nossos laboratórios, tanto na parte clínica como na parte de laboratório propriamente dito,

entende? Então, eu...

[E para as aulas teóricas?]

Bom, para as aulas teóricas, naturalmente, que o que nós utilizamos, normalmente, o que nós utilizamos são ~~as aulas~~ aulas teóricas são sempre feitas através de murais, de "slide", num é isso mesmo? De... é... é... como é que se diz? peças, peças montadas. É o tipo mais comum que nós fazemos nas nossas aulas didáticas. Também precisa desses materiais. É, são projetores, microprojetores, até o próprio giz pra se escrever na pedra, que ninguém escrever, a não ser com giz e colorido, tem mais essa. De modo que essas aulas teóricas, na realidade, são aulas que implicam mais numa... numa... num aperfeiçoamento do próprio professor, isto é, aperfeiçoamento no ponto de vista como ele vai dá-las, como é que ele vai fazê-las, como ele vai projetá-las. Então cabe a ele, professor, naturalmente, organizar todos os seus "slides", né isso mesmo? E, quando num é feito através de "slides", de murais, então também tem os retroprojetores, projetar figuras, proje... projetar livros, páginas etc. Assim são dadas as nossas aulas teóricas. Infelizmente, aqui, ainda, nós não temos um circuito fechado de televisão. Isso é uma coisa

necessária. Isso é uma coisa mais do que necessária, porque nós fazemos no nosso... no no... no nosso ambiente, nas nossas aulas práticas, por exemplo, em cirurgia, nós fazemos as pequenas cirurgias também. E pequenas cirurgias, por menor que seja, ou melhor, qualquer que seja essa cirurgia, num pode comportar, dentro de uma sala de cirurgia, um grande número de alunos. Então, ficaria uma cirurgia apenas para um grupo de cinco, no máximo, de seis, porque mais do que isso eles num (es)tão vendo. A num ser, como eu disse, se houvesse um circuito fechado de televisão. Poderia estar se fazendo uma intervenção e esta intervenção estar sendo vista ou assistida por um grande número de alunos em volta. Infelizmente, nós ainda não dispomos dessa aparelhagem. Pode perguntar. Bem, então nós falamos de instituições, falamos de ensino, mas parece que ficou mais focalizado ensino primário, ensino secundário e até o vestibular. E agora vem o, o ensino superior. Aí é que eu acho que a grande responsabilidade pesa, mas pesa sobre todos aqueles que se candidataram a organizar, a modernizar esse tal ensino superior. Todos os anos, acontece um grande desejo de melhorar o ensino superior e, até hoje, eu tenho certeza de que ainda não

conseguiram, em todas essas áreas de ensino que, realmente, se chegasse a um denominador comum dessa melhoria desse ensino. E, como eu não quero fazer crítica nenhuma a como se fa... como é feito esse ensino no Brasil, o ensino superior, como ele está sendo feito, eu gostaria apenas de me li... de limitar-me à minha área, a área de Odontologia. Já fizemos, dentro da nossa escola, tentativas para que esse currículo odontológico, ele fosse ampliado. Ampliação significa um melhoramento, amplia-se uma coisa, naturalmente, não por conveniências apenas de se gastar mais tempo para se dar, naturalmente, com esse, a esse tempo, as possibilidades de novos professores, não, não se trata disso, mas se trata de que, nessa ampliação, vá uma melhoria de conhecimentos. Tanto mais elástico for esse currículo, naturalmente que terá, para esse currículo, maiores possibilidades de conhecimento. É bem verdade que existe uma corrente de que há necessidade de se precipitar os acontecimentos, isto é, de fazer com que o ensino superior, sobretudo em áreas de saúde, haja uma redução de... de tempo, de número, ou melhor, de anos, de período. Digamos, em vez de seis anos, que passe pra quatro, para fazer face à demanda, à procura de profissionais médicos, dentistas, para todo

esse território nacional. Mas, se de um lado há vantagem, de outro lado há uma grande desvantagem, porque um médico, dentista, num é um mecânico. Não se pode improvisar um médico, nem tão pouco um dentista, pensando-se apenas num prazo de dois anos, dois anos e meio. Porque não seria nem médico e nem tão pouco seria um dentista, ele seria apenas um curioso, ele seria apenas um indivíduo que adquiriu conhecimentos superficiais, gerais, de uma coisa e de uma ciência que é muito séria. Que ele vá lidar, mais uma vez eu digo, ele vai lidar com gente, com paciente. Então, a tentativa de que realmente queira se reduzir esse tempo de... do profissional médico, ou melhor do dentista, então eu falo mais de perto de dentista, essa tentativa, como eu estava dizendo, eu acho que não trará vantagem pelo seguinte: porque não se poderá, jamais, que, em dois anos e meio possa se preparar um profissional para exercer as profissões, que é muita redundância, de um, de um dentista. Quer dizer, esse tempo é muito curto, é muito diminuto para que ele possa, então, aquilatar de todas as, de todas as necessidades para desenvolver com precisão, com acerto, com honestidade, o sacerdócio que é uma Odontologia, ele num pode. Então, para um mecânico, certo. Para um indivíduo que

vai se especializar em determinadas profissões dessa natureza, (es)tã certo, se faça dentro de um ano, seis meses. Mas, para uma área de saúde, com a responsabilidade que ele tem de desenvolver as suas atividades dentro do setor mais importante do corpo humano, que é a boca, que é um todo, que faz parte desse todo, que num é parte isolada do nosso organismo, mas que faz parte de todo esse corpo, desse todo, inclu... esse con,,, cortejo de... de lesões que responsabiliza ele pela vida ou pela morte desse paciente, como é que esse indivíduo, com esse tempo tão precoce, ele será capaz de aquilatar de tudo isso e desenvolver, com acerto, um ramo tão importante da Medicina? Então eu sou sistematicamente contrário à redução desse. Sou também sistematicamente contrário a que essa dilatação seja desproporcional. Não. O que se precisa ver é que, dentro de um período de quatro, cinco anos, cinco anos, então o dentista, realmente, ele estará capacitado para ter, dentro da es... da faculdade, os ensinamentos gerais que vão permiti-lo para que, mais adiante ou mais tarde, ele possa, então desenvolvê-los e aperfeiçoá-los e o aperfeiçoamento a, é uma necessidade. Ninguém vai pensar que, dentro de uma escola, ele vai aprender tudo, como

ninguém aprende tudo dentro de uma faculdade. Ele aprende... ele dentro de uma escola, ou dentro de uma faculdade, ele tem noções necessárias para que, mais adiante, ele possa, naturalmente, desenvolvê-las e aprimorá-las. Isso é o que pode acontecer e que vai acontecer. Então, sobretudo num setor como o nosso, em que o indivíduo, mais adiante - eu digo o indivíduo, eu digo o profissional - ele vai ter, necessariamente, de escolher a sua especialidade. Já foi o tempo em que existia o clínico geral, já foi o tempo que existia o... o... dentista de clínica geral, clínica para adulto, clínica para criança. Num é possível mais. Hoje, é chegado o tempo em que o médico, como o dentista também, ter escolhi... tem que escolher a sua especialidade, pra que ele possa, dentro daquela, daquele campo, que num é restrito, é claro, ele possa, então, desenvolver toda a, as suas atividades, mas desenvolvê-las... com... consciência de que realmente sabe e pode, então, desenvolvê-la. Então, a especialidade, dentro dessa Odontologia, é uma necessidade. Agora, num quer dizer que essa especialidade, ou para que se faça essa especialidade, seja necessário, então, a redução do período ou do, dos anos que o profissional deve... deve acompanhar pra o, a formação formação

profissional, entende? Então, a tendência que eu sei que existe por aí abaixo é de que deve haver uma redução desse ensino.' Isso vai ser a debacle, isso pra mim vai ser o maior fracasso que se pode fazer dentro desse ensino cheio de lacunas e cheio de deficiências. Apontar exemplos, querer transportar o que se faz em outras repúblicas vizinhas do Brasil e querer que essas coisas sejam postas em práticas dentro do Brasil, com a extensão que nós temos, com o número de universidades existentes funcionando, com o número de alunos que nós temos matriculados e aqueles que nunca tiveram a chance e a oportunidade de também se matricular, quer dizer, fazer o estudo comparativo em que se faz, ou queira se fazer, entre aqueles que passam - num quero diminuir ninguém nem nenhuma, nenhum país - mas, entre Peru, Bolívia e outros, vizinhos estudo comparativo com nações dessa natureza, tenha paciência. É humanamente impossível, é querer regredir no tempo, no espaço e no pensamento. Eu acho que já era tempo de que essas autoridades as autoridades constituídas olhassem um pouco mais, olhassem mais para esse... essa maneira de pensar ou de agir. O que se precisa, naturalmente, é melhorar o ensino. Melhorar o ensino num significa reduzir o ensino, não. É dar condições a esse ensino

É capacitar essa gente. É dotar essas universidades brasileiras daquilo que, realmente, elas precisam. É isso que é necessário. E num vai isso naturalmente, num vai nisso o ensejo de redução de períodos ou de anos de, de ensino. E, acredito também que o prejuízo, por esse tempo de ensino, num será prejuízo, pelo contrário, eu acho que será uma grande vantagem, será um grande passo, porque não está se proporcionando à sociedade, ou à comunidade, que é o termo mais em moda, não está se proporcionando a essa gente apenas mecânicos ou curiosos, né isso mesmo? Mas (es)tá se proporcionando ou dando a essa comunidade, então, profissionais capacitados para que eles possam exercer as suas profissões, para as quais eles escolheram mediante uma coisa que, infelizmente, está desaparecendo. Chama-se "vocação". Eu acho que a vocação do indivíduo, ou melhor, essa tendência natural para isso ou para aquilo, para aquilo que, realmente, ele pensou, quis e acha que deve fazer, essa vocação, hoje, esse teste vocacional parece que está sendo ou deturpado ou pelo menos, esquecido. Hoje, o indivíduo vai pra determinadas áreas porque num pode ir pra outras áreas. Ele pensou em ser médico, mas num houve vaga, então ele opina para Nutrição, Enfermagem e e Oculotologia etc.

Hierarquia se re... é... diz respeito, ou melhor, é um respeito àqueles que, por força de circunstância, fator tempo, ele adquiriu postos gradativamente mais elevados. A hierarquia devia ser respeitada nesse ponto de vista de conhecimentos. A hierarquia podia ser respeitada através no caso então da forma de administração de uma Universidade, essa hierarquia devia ser respeitada através do "curriculum vitae" de um indivíduo. Num se pode ocupar um posto elevado se a pessoa para o qual se propõe num tenha um "curriculum vitae" capacitado. Num se pode passar de um posto para outro se ele num se promoveu, mas não por por... "pistolões", não por conhecimentos, não porque houve uma estrela que brilhou mais. Não. Se ele num se promoveu por si próprio, pelo seu esforço, pelo seu trabalho, pelo seu sacrifício, por aquilo que ele é capaz de produzir. Então, as promo... as promoções hierárquicas deviam ser baseadas nisso que ele tem, no seu valor, e não no seu aspecto político. Eu acho que política quando entra em Universidade e, quando entra no ensino, traz apenas uma coisa: um estrago, um prejuízo abominável. Ou é ensino, ou é política. As duas coisas são totalmente diferentes e devem ser afastadas. Então, a organização administrativa dentro da Universidade, de uma

Odontologia, etc. E num vai mais pra outra porque foge àquela área. Então, pergunta-se: "Aonde está a vocação desse moço ou dessa moça? Será que ele gostaria de ser mesmo uma enfermeira, um dentista, um nutricionista? Ou ele gostaria de ser mesmo um médico?" Bom, essa resposta só quem passou por esses vexames ou por essas decepções é quem pode responder. Então o que nós vamos ver é o seguinte: é pelo número de vagas reduzido é que acontece essas deturpações dentro do próprio ensino, dentro das vocações e, quiçá, dentro do próprio profe... é... estado profissional ou con... ou contexto profissional nosso, dentro do Brasil. O que (es)tã se precisando, realmente, é de profissionais profissionais capacitados, mas não de curiosos. O que nós (es)tamos precisando, realmente, é de profissionais que possa exercer com acerto, com muita dignidade, a sua profissão. Mas de aventureiros, chega. Eu acho que já é tempo de se pensar em que aventuras cabiam para aqueles dos oceanos, em épocas remotas. Mas agora, não.

[O senhor poderia tentar falar um pouco agora da hierarquia administrativa da Universidade?]

A hierarquia administrativa é um ponto, pra mim, um pouco controverso. Hierarquia significa respeito aos mais velhos.

organização administrativa dentro de uma, de um, de uma
Universidade, ao meu ver, deveria, justamente, ser feita e
palmilhada dessa forma; quer dizer, devia testar os indivíduos que,
realmente, vão assumir postos, quaisquer que sejam esses postos;
é aqui, na nossa Universidade, por exemplo, nós temos os
pró-Reitores. Pró-Reitor de Pesquisa, Pró-Reitor de a... de, de
Assuntos Acadêmicos, Assuntos de Comunidade, enfim, de Apoio
Administrativo, uma série de, de Pró-Reitores. Então, pergunta-se:
quem deveria ocupar esses postos? Mas quem deveria ocupá-los?
Deveria ocupá-los aqueles homens que, pelo seu saber, pela sua
experiência, pela sua formação moral também, que isso deve
implicar, porque ele vai ocupar postos de uma grande uma
significa... de um si... de significação política, quer dizer,
social, política, não social. Então, se ele não tem extrado
consigo, se ele não tem uma base pra aquilo, quer dizer, no
ponto de vista de moral, eu acho que ele num seria capaz, nem
poderia. Então, essa hierarquia administrativa deveria ser
baseada, fundamentada, nessas possibilidades que esse indivíduo
tem no ponto de vista de cultura, de moral e, até mesmo, vamos
dizer assim, de religião. Que, hoje em dia, já num se pode mais

pensar no indivíduo, que ele não tem um credo, seja qual for, mas que, realmente, esse credo, ou essa crença, ou essa fé leve esse indivíduo a não ser um demagogo, exclusivamente. A não ser um aproveitador de oportunidades, que o leve a umas coisas mais sérias, que ele pense que há uma consciência e que ele deve se filiar a ela e segui-la em todos os seus passos de sua vida. Então, a hierarquia, na parte administrativa, a minha maneira de servir, devia ser feita através de um currículo desse indivíduo. Ele devia ser submetido a isso, já que, se existe concurso, pra isso num existe concurso, existe concurso pra vestibular, existe provas pra isso, aquilo, aquilo outro, pra promoções. Mas, se num existe prova pra ele ser um Pró-Reitor de a... administrativo, pelo menos que ele fosse submetido, ele, ou melhor, o seu currículo fosse submetido a apreciação, e ver se, realmente, ele é capacitado para desenvolver aquelas funções. Que, diga-se de passagem, administrar é um dom. O indivíduo pode ser muito culto e ser um péssimo administrador. Ele pode não ter uma cultura tão elevada, ser um ótimo administrador. Então, vamos testar esse indivíduo. Ele vai ser o quê? Um Pró-Reitor? Muito bem, Ele vai ser o Reitor da Universidade? Então vamos ver se ele, ele

consegue a... ou melhor, qu'ele se... reunir essas qualidades: de um homem culto e de um grande administrador. Se ele consegue as duas coisas, então feliz daquele reitorado. Mas, se ele não consegue as duas coisas, pode ser que seja um bom reitorado, mas a organização administrativa a esta hierarquia deve ser muito pesada, deve ser muito séria, deve ser muito estudada e deve se exigir muito de um candidato que se propõe, a ser, digamos, no caso, o Reitor de uma Universidade, qualquer que seja ela.

[Mas, além dos reitores, o Reitor não poderia tomar conta dos diversos órgãos, dos diversos órgãos. Então, em cada órgão, em cada setor, em cada parte da Universidade, existem outros cargos hierárquicos de administração. O senhor poderia falar sobre isso ?]

Pois não. Aqui, por exemplo. Tomando como exemplo a nossa Universidade. Primeiro, nós temos um Reitor e os seus Pró-Reitores para diversos setores. E como a nossa Universidade experimenta, no momento, uma transformação no... na sua maneira de administração etc., então é possível que, mais adiante, tudo se transforme em centros e a tendência é essa, centros- então, no momento, nós temos um Centro de Ciências da Saúde, que é

dirigido, tem o seu diretor, quer dizer uma pessoa que congrega, nesse Centro, todos os outros Departamentos das diversas unidades. Então, cada Faculdade tem os seus, seus Departamentos. Tanto mais em número quanto maior for os anos, os currículos, os períodos etc. No nosso caso, por exemplo, nós temos dois Departamentos. São dois chefes de Departamentos. Esses Departamentos são filiados, vamos dizer assim, ao... à diretoria do Centro de Ciências da Saúde, que por sua vez é subordinada ao Reitor, certo? Então tudo que se passa dentro de uma unidade está, tudo que acontece fica afeito a... os outros Departamentos. Cada Departamento então tem o seu chefe e cada chefe, naturalmente, ou cada Departamento tem as disciplinas que são filiadas a esse Departamento. Então, fica, ficam esses professores subordinados -quer dizer, subordinados na maneira de falar, num é isso mesmo? que subordinação num existe nesse passo- mas ficam filiados, vamos dizer assim, a esse chefe de Departamento. Então, o que eles desejam, o que eles querem, o que eles propõem, enfim, qualquer uma dessas coisas deve ser levada ao conhecimento desse chefe que, por sua vez, então, leva ao conhecimento do diretor do Centro de Ciências da Saúde.

Quer dizer, é essa a parte administrativa atualmente preconizada dentro da Universidade. Eu creio que, se existe, ainda, algumas anomalias ou distorções, bom, essas implicações, naturalmente, é porque o sistema ainda não está perfeitamente articulado. É possível, portanto, que, mais adiante, e isso virá, naturalmente, a concretização de toda essa parte, de todo esse desejo do próprio Reitor de fazer com que essa engrenagem possa marchar de uma maneira melhor, menos centralizada. Deve ser descentralizada: é humanamente impossível pra um Reitor assumir tudo isso que se passa em todos os Departamentos de todas as unidades, que são mais de onze. Então, é preciso que essas coisas sejam descentralizadas, é preciso que haja centros... existam Centros e, quem sabe, que essas coisas, então, fiquem, certas, certos problemas sejam, realmente, resolvidos dentro dessas próprias unidades. Acredito que esse seja o pensamento da modalidade, ou melhor, das modificações que a Universidade se propõe a fazer agora. Diga.

[E quanto à promoção do professor, desde a entrada à Universidade até o último grau?]

Bom, as promoções ININT. do professor, essas promoções estão,

já foram modificadas. Há muitos anos atrás, o professor, aqui nessa, na, na nossa faculdade -creio também que nas outras- esse professor, ele entrava como assistente voluntário. Eu mesmo fui um assistente voluntário. Quer dizer, o nome está dizendo, eu tenho vontade de ser assistente de uma determinada disciplina. Então, para que isso acontecesse, eu fazia uma petição ao titular daquela disciplina pra ficar como assistente voluntário sem remuneração, claro. Então, depois de um certo período, ele, esse assistente voluntário, ele era obrigado a fazer um concurso. Isso há uns anos... anos atrás. Hoje, o processado é diferente. Então naquele tempo, depois de dois anos, ele era obrigado a fazer o concurso. Docente-Livre ou Livre-Docente, como queira. Depois de Docente-Livre, ele poderia fazer, se promover, mais adiante, para Professores Adjuntos etc. Até que ele pudesse, algum dia, galgar uma Cátedra. Mas ele só podia fazer isso, naturalmente, se houvesse vaga, se houvesse algumas disciplinas vagas, num é isso mesmo? ou se houvesse o falecimento do Titular, para o qual ele foi voluntário. Quer dizer, ele teria que esperar que alguém morresse pra poder assumir. Então, isso chamava-se Professor Catedrático Vitalício. A vitaliciedade foi

um fato e a... num existe mais, ^{nem} num existe mais Professor Catedrático. Bem, isso há muitos anos atrás. Hoje, a coisa já é totalmente diferente e, possivelmente, como num podia deixar de ser, mais certa, né isso? Então, ele entra fazendo um concurso pra Assistente de Ensino, depois, claro, de ser formado, que há uma certa exigência, pelo menos seja formado, é lógico, que num podia entrar na faculdade quem num fosse nem formado, então é um charlatão. Então, ele entra se preparando para fazer um, um concurso de Auxiliar de Ensino. Auxiliar de Ensino. E depois as promoções vêm, aí é que é o certo, através do seu esforço, através dos seus trabalhos de pesquisa, através do seu próprio currículo, dos... dos estágios que ele possa fazer, dos cursos de aperfeiçoamento que ele possa frequentar etc., aqui ou no estrangeiro, num interessa. Então, segue gradativamente, depois de Auxiliar de Ensino, Professor Assistente, Professor Adjunto até responsável ou Titular por uma disciplina. O titular, ele hoje (es)tá desempenhando o papel de um Catedrático de alguns anos atrás. O meu caso, por exemplo; eu sou professor Catedrático porque, quando eu fiz concurso, ainda nem ININT. entrada na faculdade, ainda é daquela forma, daquela maneira. Hoje, o

indivíduo se promove, como eu digo, através do seu esforço. E eu acho isso muito válido. E acharia muito válido o seguinte: é de que ele continuasse como responsável ou titular até quando lhe fossem dadas condições para que ele pudesse desempenhar suas funções. Porque o que acontece é que -num é crítica, num vai nenhuma crítica- o que eu digo, eu digo pela experiência que eu tenho e pelo que eu passei e pelo que eu experimento. Não são todos, mas uma grande parte se acomoda. Depois que atinge um certo posto, depois que chega... chega a uma certa posição e que lhe dá aquele direito ou aquela garantia, então tem o que nós chamamos de acomodação. Entrega tudo aos seus assistentes, aos seus colaboradores. Então lhe acoberta uma auréola de super-homem, entende? Mas é um super-homem que num faz nada. Então, eu acho que isto, quer dizer, esta minha maneira de pensar, entende, é essa minha maneira de agir e eu posso dizer isso de sã consciência porque eu também tenho autocrítica de mim mesmo. E acho que, o homem tem um período de vivência, o homem tem uma idade que, realmente, às vezes, não representa a aquela que ele tem, ou que ele parece ter. Mas ele tem uma idade para que o seu raciocínio ainda possa vigorar e a sua consciência ainda possa predominar sobre as coisas certas ou erradas. Mas num

ainda possa predominar sobre as coisas certas ou erradas. Mas num se pode pensar que esse homem será eterno, nem tão pouco pode-se querer que esse homem dê o mais, o máximo depois de que ele atingiu uma certa idade, porque, depois de uma certa idade, fatalmente vêm os problemas de des... de desgaste. Fatalmente vêm os problemas que nós chamamos de uma esclerose, e o indivíduo esclerosado, esse devia ser afastado. Ele num está esclerosado porque quer, mas é uma decorrência do próprio fator desgaste, do próprio fator humano, tudo se desgasta, tudo se cansa, e ele num pode ter mais. Quer dizer, então, o que vai acontecer? O que vai acontecer é que os fatos, as idéia(s), as teorias, essas se atualizam, se modernizam. Mas ele num pôde mais se modernizar, nem se atualizar, porque o pensamento - a consciência, não- mas o pensamento, o raciocínio, esse está mais ou menos emperrado. E num há outro jeito, a num ser que ele, então, passe pra reserva e dê o lugar àqueles, porque a renovação é necessária. Renovar é importante, renovar é progredir, renovar é modificar. Renovar, na minha maneira de ver, é avançar além daquilo. Então, vamos... vamos, é... apregoar esta renovação. A velhice, por si, é um cansaço, num é prêmio,

não. Eu num acredito que -seja prêmio. Eu acho que a velhice seja uma consequência, claro, desse desgaste, mas não como prêmio, mas como uma pedra que foi lançada ao homem, para que nesse período, pelo menos, ele pense um pouco em si e pense um pouco em Deus e pense, naturalmente, que o que ele tinha pra fazer, já deve ter feito. Ele devia ter feito que, se num fez, agora é tarde demais. Bem, aqui há ainda mais alguma coisa sobre Igreja, ensino, instituições. Eu acho que esse é um dos assuntos mais...

[A Igreja]

Igreja? Igreja é um dos assuntos mais controvertidos hoje em dia. Controvertidos, num é a Igreja que é ~~uma~~ controvertida. Controvertidos são os credos existentes. Controvertidos são os homens, é a maneira de pensar, é a maneira de agir, é a maneira de encarar as coisas, é a maneira de... de receber, de acatar e, sobretudo, de interpretar. Pessoalmente, eu digo que fui educado numa Igreja Católica, como grande parte dos brasileiros. Mas, pessoalmente, eu também digo o seguinte: eu tenho a minha maneira de crer, de acreditar e não posso admitir que um homem, nenhum homem, seja ele qual for -num interessa que seja pobre, seja rico, culto ou in... ou anal... não, num interessa- uma

criatura humana, eu num acredito que homem num tenha, num possa acreditar. Ele tem que crer em alguma coisa. Ele tem que acreditar em alguma coisa que possa ter as mais variadas denominações - ou Deus, ou outra coisa. Mas ele tem que crer, ele tem que ter uma fé, que, do contrário, ele cai num verdadeiro abismo, antes de ser mergulhado nesse próprio abismo. Então, Igreja, conceito de Igreja... Eu acho que a coisa mais interessante, nesse particular, é apenas o homem abrir os olhos, olhar pra cima, olhar para o mar, olhar para as plantas, olhar para os pássaros, olhar pra toda essa beleza que nos acu... que nos reveste, a... a... natureza é revestida, e ele olhar pra tudo isso e ver que em tudo isso deve ter havido um Deus, deve ter havido alguém que fez, deve ter alguém que fez. Deve ter alguém que pensou em que todas essas coisas seriam muito boas para nós e podiam fazer bem à nossa vista. Então, acho que a fé é uma coisa que deve sempre estar presente em todos os homens, em todas as criaturas. Igreja, fé. Então, ligar as duas coisas, eu acho que uma seria uma espécie de caminho de seguir. Eu devo seguir por essa, por esse caminho, por essa vereda, ou por aquela vereda? Então será a igre... a Igreja. A fé, então, é o

condicionamento, é o que me leva a andar por essa... cesse
caminho ou por essa trilha. E como essas Igrejas quase, todas
elas falam num Deus, ou quase todos objetivos dessas Igrejas é
sempre dizer: "Olha existe um Deus, você deve culti... você deve
adorar, que você deve respeitar". Então, pergunta-se: Será que
todas elas são certas? Será que todas elas são verdadeiras? Será
que todas elas, realmente, ensinam aquilo que o Cristo pregou?
Num sei. Num quero responder porque num quero incriminá-las,
entende? Eu acho que o homem é suficientemente inteligente pra
escolher aquilo que, realmente, lhe diz mais de perto e o que lhe
diz mais diretamente. Eu penso - eu - penso que, para se viver
bem, para se ter fé, acreditar, ser honesto, viver feliz e ter a
felicidade dentro de si, basta apenas que ele pense nas palavras
do Cristo, ame a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a
si mesmo. Se ele faz isso, se ele cumpre isso, se ele põe em
prática isto, eu acho que ele está muito certo. Então, as Igrejas
estão apenas de portas abertas para que cada um, então, possa
chegar até lá. Não para chegar até Cristo. Não. Que você para
chegar até Deus, ou a Cristo ININT. basta que você eleve o seu
pensamento e você já está junto dele, porque ele está junto de

você em todas as ocasiões e em todos os momentos. Se ele está em toda parte, por que é que você tem que (es)ta(r) numa casa que chamou-se Igreja? Se ele está junto de você, lhe acompanha, lhe criou, lhe fez, quer você feliz, por que é que você tem que se revestir de um hábito, de um manto, de uma toga ou de qualquer uma dessas coisas para chegar junto dele? Que será depois da morte? Alguém vai levar você até lá? Bom, então eu acho Igreja é uma necessidade.